

O *Íon* de Platão sob o prisma de Heidegger e de Gadamer*

Plato's *Ion* under the prism of Heidegger and Gadamer

Rodrigo Otávio Gonçalves e Silva**

Resumo

O presente artigo refere-se a uma síntese sobre a leitura feita por Heidegger do *Íon* de Platão, focalizando o uso que o mesmo fez de determinadas passagens deste texto, das quais irá se servir como mote inicial para a elaboração de sua hermenêutica da facticidade, de marcante influência na Filosofia Contemporânea, seguida entre outros por Gadamer, em suas linhas principais, que se distancia do primeiro, porém, na leitura que realizou dos diálogos platônicos.

Palavras-chave: Platão; poesia; hermenêutica; Heidegger; Gadamer.

* Artigo enviado em 25/10/2018 e aceito para publicação em 07/12/2018.

** Faz mestrado em Filosofia na FAJE. E-mail: rodavio@bol.com.br.

Abstract

The present article refers to a synthesis on Heidegger's reading of Plato's *Ion*, focusing his use of certain passages of this text, which will serve as a starting point for the elaboration of his ontological hermeneutics, of remarkable influence in Contemporary Philosophy, followed among others by Gadamer, in its main lines, that distances itself from the first one, however, in the reading that realizes of the platonic dialogues.

Keywords: Plato; poetry; hermeneutics; Heidegger; Gadamer.

1. Delimitação temática e objetivos

A leitura que Heidegger realiza do *Íon* de Platão, da qual parte para suas elaborações intelectivas que lhe possibilitarão formular sua concepção hermenêutica, chamada ontológica, da facticidade ou fenomenológica, de influência marcante na filosofia contemporânea, é o tema a ser exposto no presente artigo, visando explicitarmos questões importantes suscitadas por tal leitura, através de uma análise detida do uso que realiza dos trechos desta obra.

Analisaremos, ainda, em suas linhas gerais, a leitura peculiar feita por Gadamer dos diálogos platônicos, assim como alguns dos efeitos que se percebe em suas obras a partir desta leitura, revelando a partir daí diferenciações em seus posicionamentos em relação ao outro filósofo enfocado.

O pano de fundo das exposições retro aludidas será a questão da recepção/apropriação que se faz da obra de filósofos da Antiguidade por autores contemporâneos, sobre a qual faremos algumas pontuações que entendemos pertinentes.

2. Introdução

2.1 Resumo sucinto do *Íon* e os trechos utilizados por Heidegger

Em que pese a sempre problemática periodização de Platão, há abalizada convergência no sentido de se considerar o *Íon* como um dos seus primeiros diálogos.¹

¹ OLIVEIRA, C. Introdução. PLATÃO. *Íon*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.12.

Neste, Sócrates, que conduzirá a conversação com o personagem que dá nome ao diálogo, vai procurar estabelecer qual o estatuto a ser atribuído à atividade do segundo, que é um rapsodo, intérprete da poesia de Homero, que percorria as cidades da Grécia se apresentando em festividades públicas.

Logo no início do diálogo Sócrates vai afirmar que inveja a *técnica* do rapsodo, e que ninguém se tornaria um bom praticante desta atividade se, além de repetir as palavras do poeta, não fizesse para os ouvintes uma interpretação destas palavras, tendo antes as compreendido (530c)².

Tradicionalmente, tem se considerado estas palavras de Sócrates irônicas, em virtude do que será enfatizado no decorrer do diálogo, que demonstraria justamente o contrário do enunciado neste início do mesmo.

Destarte, se tornará claro, a partir daí, que um dos problemas centrais do diálogo cinge-se justamente sobre se Íon, em sua performance, se vale de uma sabedoria que advém dos deuses ou se se vale em sua interpretação de uma *tékhnē* e de uma *epistéme* (*teknei kai epistémei*)³.

Sócrates vai procurar demonstrar no decorrer do diálogo que, na realidade, "os poetas são intérpretes dos deuses" (534e), sendo os rapsodos os "intérpretes desses intérpretes" (*hermenéon hermenês*, 535a)⁴, e que, portanto, sua atividade deve ser atribuída a uma possessão divina, não a uma *tékhnē* e a uma *epistémei*, delimitando assim que os últimos procedimentos são próprios da filosofia, segundo a interpretação hegemônica.

Foram especificamente estes trechos que interessaram a Heidegger no referido diálogo, pelos motivos que logo exporemos.

3. A leitura do *Íon* e o uso dos seus trechos feitos por Heidegger

Qualquer que seja o posicionamento quanto às concepções de Martin Heidegger, em particular sobre sua concepção de hermenêutica, é inegável a relevância que essa adquiriu na Filosofia Contemporânea, bastando para tanto se mencionar que, depois do mesmo, "a *Hermenêutica mudará de objeto, de vocação e de estatuto*", se transformando "em uma forma de filosofia autônoma".⁵

Uma das primeiras menções conhecidas de Heidegger ao *Íon* de Platão se dá num curso ministrado por ele no verão de 1923, em Freiburg, depois publicado com o mesmo título do Curso, *Ontologia (Hermenêutica da*

² PLATÃO. *Íon*. op. cit. pp. 27-28. As citações do *Íon* se darão a partir dessa tradução, salvo quando transcritas das obras que o citam.

³ Ibid., p. 13.

⁴ Ibid., p. 13.

⁵ GRODIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 38.

Facticidade)⁶, onde, após esclarecer que a etimologia da palavra *hermenêutica* é obscura, relaciona-a com Hermes, deus mensageiro dos deuses.⁷

Esclarece, então, que se pode, através de referências, "(...) *localizar o significado originário do termo (...)*"⁸ e a partir daí torná-lo inteligível em sua significação e estabelecer o modo como a mesma se transformou ao longo do tempo.

Se valendo do grego clássico, que é colacionado junto à tradução, transcreve parte dos trechos retro referidos 534 e 535 do *Íon*, nomeadamente as frases: "*os poetas são mensageiros dos deuses*" e os rapsodos são "*mensageiros dos mensageiros*".⁹

O filósofo alemão vai propugnar que ao termo *intérprete* (apesar de ser traduzido na primeira vez o termo por *mensageiro*, logo depois na edição utilizada por nós, da Vozes, usa-se *intérprete*) pode-se atribuir o seguinte sentido: "*aquele que comunica, aquele que informa alguém a respeito do que o outro 'pensa', isto é, aquele que transmite, aquele que reproduz a comunicação, a notícia (...) informa, noticia o que os outros pensam (...)*".¹⁰

Valendo-se ainda do *Teeteto* (163c) na tradução/argumentação que realiza, aduz que, por sua vez, o que os intérpretes comunicam, *notificam*, deve ser entendido como explicitando a diferença do entendimento de outros em relação ao comum; "*não uma concepção teórica, porém, 'vontade', desejo e, além disto, ser, existência; ou seja, hermenêutica é a notificação do ser de um ente em seu ser em relação a...(mim)*".¹¹

Heidegger vai colacionar os termos em sua grafia grega clássica, valendo-se de sua própria tradução, sendo que a partir desta tradução procurará já embasar suas afirmações iniciais, onde se nos afigura claro que então as encaminhas de acordo com as intuições já então desenvolvidas e elaboradas teoricamente, de modo a embasar sua concepção de hermenêutica, que irá esboçar no referido Curso e explicitar em *Ser e Tempo*, já de modo definitivamente elaborado.

Assim, a apropriação que faz desta passagem do texto platônico será feita levando-se em conta principalmente o objetivo de reforçar as próprias intuições das quais parte para suas elaborações teóricas que, por sua vez, desembocarão nas concepções que marcam todo seu pensamento.

Não é nosso intuito, contudo, ao dizer que Heidegger encaminha sua tradução/argumentação no sentido de suas intuições intelectivas, que marcarão seu pensamento, que a referida tradução foi *distorcida ou realizada de modo indevido*, a uma, por desconhecermos o referido idioma,

⁶ HEIDEGGER, M. *Ontologia (Hermenêutica da facticidade)*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

⁷ Ibid., p. 15.

⁸ Ibid., p. 15.

⁹ Ibid., p. 15.

¹⁰ Ibid. p. 15-16.

¹¹ Ibid., p. 16.

e a duas, porque nossas pesquisas sobre o filósofo alemão não encontraram qualquer estudo de escol que isto afirmasse e demonstrasse, ainda que haja variadas discordâncias e críticas enfáticas sobre seus posicionamentos a partir das mesmas.

É importante aqui lembrarmos, inicialmente, o conceito que o próprio autor focado tinha de *tradução*: todo falar e dizer seria para ele já uma tradução, ainda que realizado na língua materna, e de que toda tradução deveria levar em conta certo cuidado com as palavras, de modo a levar as mesmas para o âmbito de uma "verdade transformada"¹².

O ponto que nos interessa é que Heidegger, longe de se apoiar no que seriam os sentidos ideados por Platão no referido texto, vai numa direção que teria sido, por assim dizer, "negligenciada" por Platão, conforme veremos adiante, para dar suporte às suas teses expostas no Curso, em que vai se utilizar das referidas passagens do texto para, junto a outros aportes da filosofia que cita logo após, em especial Aristóteles, chegar às suas próprias concepções, o que se nos afigura coerente com o pensar filosófico que realiza tanto no começo de sua carreira intelectual quanto nos seus desdobramentos ulteriores.

Com efeito, Heidegger vai se utilizar aqui do mesmo procedimento adotado em *Ser e Tempo*, ao inserir antes da *Introdução* desta obra certa passagem do *Sofista*¹³. Se nesse Heidegger quis enfatizar a questão do "esquecimento do ser", aqui ele deseja enfatizar, ao transcrever as retro referidas passagens do *Íon*, o esquecimento da noção que considera como originária de hermenêutica.

Indiretamente, o que Heidegger quer demonstrar é que tais "negligências" ocultaram — a partir de Platão — ao pensamento ocidental uma abordagem mais *originária* da abrangência do ser, na medida em que este "ocultamento" teria se dado a partir do domínio hegemônico da filosofia grega clássica sobre o pensamento que se lhe segue.

Se nos atentarmos detidamente ao modo como Heidegger vai se utilizar destas passagens do *Íon*, observaremos que não são os possíveis sentidos do texto que lhe interessam na utilização que faz, tanto que não faz sequer alusões sobre quais seriam estes sentidos, mas se apega aos *aspectos filológicos* do mesmo (com consequências filosóficas, é evidente) visando **ilustrar com as palavras de Sócrates qual seria o sentido original dado pelos gregos à palavra hermenêutica**.

Logo após a breve digressão retro mencionada, ele passa a fazer um uso muito mais extenso e intenso de Aristóteles¹⁴ em suas argumentações, que ele desde o começo já indicara como um dos "companheiros" de sua

¹² HEIDEGGER *apud* CAVALCANTE, M.S. *Apresentação/Ser e Tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015, p. 23.

¹³ HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 34.

¹⁴ *Idem*, p. 16 e segs.

busca”¹⁵, autor com o qual, sabidamente¹⁶, ele dialoga (com assimilações e embates) com muito mais desenvoltura e frequência do que com Platão.

Entendemos e frisamos que o que Heidegger quer destacar ao escolher tais trechos do *Íon* para iniciar suas digressões, foi tão somente **o sentido original dado, segundo ele, pelos gregos** ao termo *hermeneuta ou intérprete* (e seus derivados), conforme indicariam as palavras de Sócrates em 534 e 535 do *Íon*, o que ilustraria assim a sua tese de que outra era a conotação dada ao termo até então no pensamento grego, antes da conotação mais “técnica” de hermenêutica que passa a preponderar ao longo da história do pensamento ocidental, justamente após a consolidação e o domínio exercido no mesmo pela filosofia grega do período clássico, a partir da qual o termo *hermenêutica* passa a ter a significação de *uma tradução teórica* do que é dito, escrito ou comunicado por outrem.

O sentido original dado pelos gregos ao termo hermenêutica, antes da hegemonia do pensamento da filosofia clássica é justamente o que Heidegger quer frisar e vai ser umas teses fulcrais de sua própria filosofia, sendo isto o que de mais importante extrai dos referidos trechos do *Íon*, se valendo ainda do *Teeteto* e de outros filósofos para fundamentar suas argumentações a partir das passagens retro mencionadas.

Neste íterim chamamos a atenção para o pano de fundo adotado, sobre o qual passamos a fazer algumas ponderações: devemos ter em vista que ao nos depararmos com um autor contemporâneo que se vale de algum modo da filosofia Antiga, que o mesmo se utilizará, no mais das vezes, preponderantemente dos aportes da mesma que melhor se adequem às intuições que visa desenvolver intelectivamente, e se valerá, dentre as opções que se lhe abrem na recepção/apropriação que faz, daquelas mais condizente com estas próprias intuições fundacionais, das quais parte para suas próprias elaborações, o que nos parece a princípio legítimo e justificado, **desde que** não realizada, evidentemente, com adulterações ou se valendo de interpretações/apropriações disparatadas, sendo tal procedimento condição mesmo de possibilidade para que o fazer filosófico se desdobre através das várias perspectivas que acolhe e do abranger de outras temáticas e problematizações antes não intuídas e/ou formuladas, por diversos motivos que não caberia neste trabalho detalhar, alguns deles que se nos afiguram muito evidentes, como a distância cultural-histórica entre as perspectivas antigas e contemporâneas..

Aqui, cabe uma máxima bem sintetizada por Agnes Heller: “a filosofia exige que seja posto em discussão tudo o que a própria razão não compreende”¹⁷ e tendo-se em vista que o próprio conceito de *razão*, assim como outros capitais em Filosofia são também tematizados e concebidos de diferentes formas, pode-se mensurar a complexidade da questão posta, que

¹⁵ Ibid. p. 11.

¹⁶ Vide neste sentido: VOLPI, F. *Heidegger e Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2013.

¹⁷ HELLER, Agnes. *A filosofia radical*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

neste trabalho somente é esboçada em premissas que nos parecem basilares.

Entre estas, uma que se nos afigura extreme de qualquer contestação: os princípios adotados pelo filósofo contemporâneo, seus próprios argumentos, o grau de solidez destes e a pertinência de suas concepções, assertivas e conclusões caberá ao estudioso avaliar no caso concreto, *segundo os próprios méritos das mesmas*.

Cabe pontuar que o autor que realiza a recepção/apropriação tem **uma das** recepções/apropriações virtualmente realizáveis, que deve ser avaliada de modo crítico, mas não possui **a única** interpretação/apropriação a ser adotada em relação ao pensar do outro filósofo que recebe/apropria.

A autor de que se apropria ou que se interpreta quase sempre terá mais nuances do que o exposto por outrem, o que aumenta proporcionalmente conforme o grau de complexidade de seu pensamento, como é o caso de Platão, cuja importância para a Filosofia e para a cultura ocidental como um todo seria despidendo enfatizar.

Voltando a Heidegger, este vai retornar ao *Íon* na conversação que estabelece com o filósofo japonês Tomio Tezuka, na mesma Friburg, no ano de 1954¹⁸, explicando ao mesmo sua hermenêutica (seu colega oriental admite não tê-la compreendido muito bem), e a importância que atribui à mesma na gênese de seu pensamento¹⁹.

Principia então, à guisa de explicação, por fazer o mesmo *excursus* histórico sobre a palavra *hermenêutica* já visto alhures, citando após a passagem 534e do *Íon*, também já mencionada, onde Sócrates afirma serem os poetas mensageiros dos deuses, sendo os rapsodos os anunciadores dos poetas, concluindo daí que “o (termo) hermenêutico não significa em primeiro lugar a interpretação mas antes disso o anúncio de uma mensagem e de uma notícia”²⁰.

Esta compreensão, seminal em Heidegger, novamente mencionada nesta conversa, revela o quanto ela foi importante para o filósofo da Floresta Negra, tendo-lhe aberto o caminho para que introduzisse no pensamento fenomenológico o sentido de hermenêutica como “anunciar e interpretar” próprio de *Ser e Tempo*.

Ainda neste mesmo diálogo com o oriental, explica que o *ser do sendo* deveria aparecer “não à maneira da *metafísica*, mas nele mesmo enquanto presença do presente e a correspondência do homem a este aparecer do sendo é a linguagem na sua essência hermenêutica”²¹.

Reitera que os gregos, em sua originalidade, já teriam pensado os fenômenos como aparecendo por si próprios, sem os reduzirem a objetos

¹⁸ NETO, Antonio F., *Recepção e Diálogo – Heidegger e a filosofia japonesa contemporânea*. *Natureza Humana*, v. 1. São Paulo: junho/2008.

¹⁹ PEREIRA, M.B. *Platão e a hermenêutica filosófica*. Coimbra: *Humanitas*, vol. XL, VII, 1995, p. 359.

²⁰ HEIDEGGER, M. *apud PEREIRA*, op. cit. p. 360.

²¹ *Ibid.*, p. 360, grifo do autor.

de um sujeito, tendo isto lhes fornecido a compreensão de que “o aparecer permanece assim o traço dominante da presença do presente enquanto este se abre desvelando-se”²².

Logo, seguindo as afirmações do próprio Heidegger no referido diálogo com seu colega oriental, foi a partir da leitura que realizou do *Íon* de Platão nesta chave interpretativa o que lhe possibilitou, junto a outros elementos que agregou, elaborar os contornos gerais da sua concepção de hermenêutica, que seriam depois aperfeiçoadas em *Ser e Tempo*, uma das obras mais influentes da filosofia do século XX.

Tal concepção, entre outras presentes na referida obra, acrescida daquelas ulteriores que elaborará, e que, embora não contrariem no essencial aquelas expostas em *Ser e Tempo*, as modificam consideravelmente após a *viragem (Kehre)* dos anos de 1935/1936, vão influenciar decisivamente boa parte da filosofia que se desenvolveu a partir daí, sobretudo a filosofia denominada continental.

Entre outros pontos, Heidegger vai romper com alguns dos paradigmas até então vigentes na filosofia, entre eles aquele que propugnava serem inelutavelmente distintos os modos de abordagens do ser a partir da poesia e o daquele a ser adotado em se tratando de filosofia.

A posição preponderante até Heidegger considerava que o Sócrates personagem de Platão no *Íon* seria uma matriz representacional perfeita da exclusão que se deveria fazer da poesia, entre outras temáticas, do âmbito da filosofia, salvo considerações estritamente estéticas, a serem tratadas em separado da abordagem do ser.

Tal exclusão, em Platão, segundo esta posição mais tradicional, só iria se aprofundar a partir do *Íon*, até culminar com a exclusão completa dos poetas na *República*, por serem imitadores, o que marcaria um divórcio definitivo entre poesia e filosofia, delimitando assim dois campos distintos que não poderiam ser confundidos na abordagem do ser.

Pode-se, a partir daí, avaliar-se o impacto e mesmo a estupefação que irão provocar as conceituações de Heidegger, propondo, entre outros pontos, uma aproximação entre pensamento e poesia.

Isto levou, inclusive, no âmbito de diversas universidades, durante um período de tempo, a se exercer censura a Heidegger “(...) exatamente como Aristóteles censurou, com muito mais talento, Górgias, vinte e tantos séculos atrás”²³.

Entretanto, a posterior inclusão da poesia (ou da poética, termo que se nos afigura mais adequado) no âmbito geral da filosofia, a partir de Heidegger, só fez se expandir e se sofisticar, bastando-se mencionar nomes como Paul Ricoeur, Jaques Derrida ou Giorgio Agamben, sendo que este

²² HEIDEGGER, M. *apud* PEREIRA, op. cit. p. 360.

²³ PAES, Carmem M. *Górgias ou a Revolução da Retórica*. Tese (Doutorado) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989 *apud* OLIVEIRA, op. cit., p. 17.

último declara que considera a separação entre a poesia e filosofia o acontecimento mais trágico da história do pensamento ocidental.

Outro que conferiu especial atenção à poesia (mais propriamente à arte) como viabilizando um outro acesso à verdade, que não aquele propugnado pelos métodos, foi o também alemão Hans-Georg Gadamer, em cujo pensamento a concepção de hermenêutica advinda de Heidegger foi mantida em suas linhas mestras, recebendo, porém, importantes aportes, a partir, entre outras, da leitura que faz de Platão, diferente daquela que fez o filósofo de Baden.

4. Gadamer: valorização do diálogo na hermenêutica filosófica

Se Heidegger vai valorizar a *destruição* (§ 6. *Ser e Tempo*)²⁴ Gadamer, cujo encontro com o primeiro foi decisivo em seu pensar²⁵, vai privilegiar o diálogo, do qual, para ele, provém o entendimento.

Isto, por si só, já o aproxima muito de Platão, cujos textos conhecidos se apresentam todos neste formato.

Outro que exerceu influência nesta valorização do diálogo em Gadamer foi R. Collingwood, filósofo e historiador, que criou a “lógica da pergunta e da resposta”, para combater seus colegas britânicos que postulavam “que os textos filosóficos deveriam ser julgados de acordo com uma lógica universalmente válida.”²⁶

Segundo este, seus oponentes se valiam de uma “lógica flutuante”, pois negligenciavam a natureza histórica dos textos anteriores ao que estavam analisando, estabelecendo a partir daí a coerência de determinado argumento presente neste mesmo texto.

Para esta solitária voz na Oxford dos anos trinta, que, ao contrário de seus colegas, não postulava a ideia de uma verdade eterna, os textos filosóficos “são considerados respostas tentativas às questões previamente formuladas nos textos anteriores”²⁷, o que remete, portanto, à forma dialógica.

4.1 A leitura de Platão (e de Aristóteles) feita por Gadamer

Como já delineado, se é com Aristóteles que Heidegger tem mais afinidade intelectual, e vê também, como ocorre há tempos, uma diferença pronunciada entre a filosofia de Platão e a de Aristóteles, sendo o primeiro “metafísico” e o segundo “prático” (nos valem, evidentemente, de linhas

²⁴ HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

²⁵ GADAMER, H.-G. A ideia do Bem entre Platão e Aristóteles. São Paulo: M. Fontes, 2009, p. 3

²⁶ LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 99

²⁷ *Ibid.*, p. 99

gerais e esquemáticas), Gadamer vai desafiar tal posicionamento e a cristalização que se operara nesta distinção, tentando demonstrar a proximidade entre ambos no essencial do pensamento filosófico destes.

Ao sustentar a viabilidade desta aproximação, Gadamer encontra elementos para reafirmar os conceitos de sua própria hermenêutica filosófica, entre eles o conceito de aplicação (*applicatio*), que representa o ato existencial do *ser* próprio do ser humano, eixo fundamental de sua hermenêutica, que exprime o modo como se processa a compreensão humana finita, reafirmando a viabilidade prática da mesma²⁸, para relacioná-la à importância do diálogo, daí o intuito de integrar Platão às ideais mais aristotélicas que recebe de Heidegger.

Com efeito, advogará a tese de que a *tékhne*, tal como habitualmente compreendida, usada por Sócrates nos primeiros diálogos platônicos para refutar a opinião de seus interlocutores, não tinha no contexto antigo uma constituição interna tal como esta é entendida na modernidade, e não seria esta (entendida como um método, apenas) o meio preconizado por Platão que levaria ao conhecimento do Bem, segundo o *corpus* total dos diálogos platônicos.

É importante notar aqui que Gadamer, na defesa de sua tese principal, não faz uma separação estanque entre o pensamento de Platão em suas várias "fases", como é muito usual na literatura filosófica mais tradicional. Para ele, a importância atribuída por Platão ao aspecto prático da inteligência teórica se manifestaria em todo o *corpus* platônico, e seu estudo se destina precipuamente a isto demonstrar.

O que cabe destacar, no entanto, para Gadamer, é que Platão não teria recepcionado de modo integral a concepção da *tékhne socrática* como sendo a única via de se conhecer o Bem, sendo que dá a entender ser tal concepção própria do *Sócrates histórico*, sendo assim reproduzida por Platão sem que este pessoalmente a acolhesse em sua integralidade.

Para Gadamer, o conhecimento que Platão defende como capaz de levar ao Bem não tem um sentido distante daquele da *phrónesis*, exposta por Aristóteles no Livro VI da *Ética a Nicômaco*²⁹, e, portanto, tal conhecimento não tem um simples valor teórico, mas se aplica à vida concreta do homem, como procurará demonstrar com a leitura que faz do *Filebo*³⁰, por exemplo.

A ideia de que o Bem a ser buscado pelo homem tem não só consequências teóricas mas efetivas para a existência daquele que busca, e que esta premissa está presente tanto em Platão quanto em Aristóteles, é o cerne mesmo da tese que Gadamer expõe em *A ideia de Bem entre Platão e Aristóteles*³¹, sendo aquilo de peculiar que vem trazer em relação

²⁸ PORTOCARRERO, M. L. *Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica*. Coimbra, 2010, Disponível em www.uc.pt/fluc/lift/conceitos_herm, acesso em 04/10/2018

²⁹ GADAMER, H. op. cit., p. 36 e segs.

³⁰ Ibid., p. 105-126

³¹ Ibid.

ao usual no entendimento filosófico, neste ponto específico se distanciando de seu mentor intelectual, Heidegger.

No entanto, se o pensamento de Gadamer tem a virtude de explicitar características mais ricas do pensamento de Platão, evitando assim generalizações redutoras e simplistas³², Yvon Lafrance, utilizando-se de passagens do Fédon, entre outras, vai afirmar, colacionando para tanto diversas outras passagens de diálogos platônicos, que a partir da obra retro referida, para Platão, inegavelmente, “a busca da verdade se dá como objeto a visão das Formas inteligíveis, contempladas pela alma numa existência anterior à sua união com o corpo (*Fédon* 72e – 77a).³³

Utilizando-se de uma mirada tão ampla do *corpus* platônico quanto aquela utilizada por Gadamer, Yvon Lafrance vai concluir a partir daí que “*Sócrates não se refugia no discurso, na linguagem, como pretendem numerosos partidários da leitura hermenêutica de Gadamer, mas sim ao lado das Formas inteligíveis, como prova com evidência todo o contexto imediato.*”³⁴

Em reforço a este posicionamento, podemos nos valer do preâmbulo da coletânea onde se encontra o artigo de Lafrance, que nos fornece uma excelente perspectiva de algumas das principais linhas de forças da filosofia platônica, escritas por alguns dos mais renomados estudiosos de tal filosofia, no qual Luc Brisson e Francesco Fronterotta aduzirão que, além da importância do contexto histórico e cultural grego, na leitura de Platão deve-se atentar que “(...) utilizando a forma dialogada (...)” Platão vai criticar o saber tradicional e “(...) inventar o saber e o modo de vida que em seguida serão denominados a ‘filosofia’(...)” sendo que este saber para o mesmo “(...) *se fundamenta no inteligível*, considerado como a realidade verdadeira (...)”, o que evidencia que nosso mundo não é senão uma imagem daquela realidade e que *só o saber inteligível* “ (...) possui suficiente regularidade e permanência para permitir ao homem pensar, falar e agir”³⁵.

De todo modo, se não se deve fazer generalizações quanto às caracterizações redutoras da inegável preponderância da doutrina das Formas na filosofia platônica (principalmente a partir do *Fedro*, vide Lafrance³⁶), tornar-se-á bastante problemático para Gadamer sustentar seus argumentos frente a outras obras do *corpus* platônico, como a *Politeia*, o que no entanto se esforçará para realizar, com argumentações sem dúvida consistentes, ainda que questionáveis.³⁷

³² “É fácil ceder a uma imagem de Platão que viaja da Antiguidade até hoje: ceder à imagem de uma filosofia que estabelece nitidamente os limites e a oposição entre corpo e alma, entre sentido e razão, entre coisas e ideias, entre opinião e conhecimento (...) é preciso resistir a essa imagem, dado que uma leitura direta e sem preconceitos (...) nunca a confirma.” CASERTANO, Giovanni. *Paradigmas da verdade em Platão*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 11.

³³ LAFRANCE, Yvon. O conhecimento: ciência e opinião. In FRONTEROTTA, Francesco; BRISSON, Luc (orgs.). *Platão: Leituras*. p. 149-166.

³⁴ Ibid., p. 153, nota 4.

³⁵ BRISSON; FRONTEROTTA. Ibid., p. 9, grifos nossos.

³⁶ Ibid., vide nota 30.

³⁷ Gadamer, H-G. op. cit., p. 65-104.

De um modo geral, sua argumentação quer demonstrar que os sentidos antigos de teoria e *práxis* são bem diferentes dos que tornaram-se na modernidade, o que nos remeteria mais uma vez ao pano de fundo escolhido.

Como já estabelecido em nossos objetivos, nos limitaremos a estas linhas gerais sobre a visão propugnada por Gadamer, uma vez que a ênfase aqui foi exemplificarmos as diferenciações entre a mirada deste daquela de Heidegger em relação aos diálogos platônicos.

Heidegger, no geral, valorizou mais as contribuições advindas de Aristóteles e de certa forma se valeu de Platão mais para explicitar um outro rumo que tomaria em suas concepções em relação a este, conforme visto detalhadamente.

Já Gadamer valorizou os aportes de Platão, a começar pela forma dialógica, que para ele consubstanciaria a própria dialética platônica, além de não estabelecer diferenças substanciais entre a filosofia deste e a do Estaragita, conforme também visto em linhas gerais.

5. Considerações finais

É sintomático que tanto Alberto Pucheu³⁸ quanto Fernando Muniz³⁹ em suas respectivas achegas ao *Íon* de Platão, façam referência ao texto escrito por Goethe, publicado em 1826, que tanto influenciou nas leituras que se realizaram deste diálogo desde então.

Neste texto do poeta germânico, intitulado "*Platão como uma festa para a revelação cristã*"⁴⁰, além de afirmar que o *Íon* não tinha "*nada a haver com a poesia*", e assegurar que se tratava "*de uma completa ironia*", sendo o Sócrates retratado por Platão uma personagem fictícia criada pelo teatro platônico como uma galhofa, o alvo não era o *Íon*, mas sim o poeta e jurista Friedrich Stolberg, que fizera uma tradução do mesmo e assinara um prólogo onde enfatizava o "caráter cristão" do pensamento platônico.⁴¹

O autor do Fausto manifestava, assim, uma genuína revolta em face da "cristianização" que se fazia muito comumente dos textos de Platão, e pedia que se voltasse a lê-lo como "um autor grego que era".

Este acontecimento revela, portanto, os problemas envolvidos tanto no que se refere às interpretações propriamente ditas quanto às apropriações feitas ao longo do tempo da obra platônica, que começaram já na Antiguidade e se estendeu pelos séculos transcorridos desde então.

Não poderia ser diferente em relação àquele que inventou "o saber e o modo de vida que em seguida serão denominados a 'filosofia'", nos dizeres

³⁸ PUCHEU, A. *Platão, Goethe e o Íon. Posfácio/Íon*. op. cit., pp. 65-81.

³⁹ MUNIZ, F. *Performance e élenkhos no Íon de Platão*. Ver. *Archai* n. 9, jul-dez 2012, pp. 17-26.

⁴⁰ GOETHE *apud* PUCHEU, A., *ibid.*, p.66.

⁴¹ PUCHEU, *ibid.*

de Luc Brisson e Francesco Fronterotta⁴², que repetimos à guisa de enfatizar o que está em jogo quando se trata das obras de Platão, cujas controvérsias permeiam tão variados debates quanto o da periodização das referidas obras, doutrinas não escritas ou que se perderam, autenticidade ou não de outras obras e cartas, para ficar apenas em alguns aspectos, que não aqueles propriamente doutrinários.

Heidegger e Gadamer, cada um a seu modo, realizaram as leituras que, como visto, mais se adequavam às suas próprias concepções: o primeiro, cuja evolução do pensar procurou se afastar cada vez mais do caráter representativo do filosofar ocidental, buscou um dizer que ultrapassasse os limites da representação conceitual, tentando assim "(...) deixar que as próprias coisas falem por si mesmas, a partir de sua colocação na amplidão luminosa do mundo(...)"⁴³.

Logo, se explica a tomada de posição frente ao Íon, ao se valer dos trechos do mesmo não interessado nos sentidos que estes teriam como um todo no texto de Platão, mas sim da parte deste que se referia a um modo de hermenêutica que prevalecera, *em sua mirada*, entre os antigos gregos, que poderia ser extraído a partir das palavras de Sócrates a respeito da atividade dos poetas ("intérprete dos deuses") e dos rapsodos ("intérpretes destes intérpretes").

Já Gadamer, seguindo a mesma visada de Heidegger em diversos aspectos, vê na leitura de Platão uma confirmação de suas fortes convicções na importância do diálogo para a compreensão humana, e quer demonstrar que as concepções do filósofo grego muito se aproximam da inteligência mais afeita ao aspecto prático do existir humano, uma das marcas da filosofia de Aristóteles, por isso tão utilizado pelo filósofo que tão forte impressão lhe causou no começo de sua carreira acadêmica.

Tais convicções próprias e a época em que trabalharam, com seus dilemas, transformações e impasses, influenciaram suas leituras, como não poderia ser diferente, sendo isto o que procuramos explicitar no presente artigo.

Cabe reafirmarmos que se trata de leituras importantes, quer pela influência que seus autores exercem na filosofia contemporânea, quer por seus próprios méritos (seus aspectos questionáveis incluídos), sendo ambos leitores inegavelmente conhecedores da filosofia antiga e igualmente filósofos que abriram veios fecundos para o pensar filosófico.

Obviamente, se trata das leituras deles, não da única leitura possível de Platão e dos antigos que abordaram, e o mesmo se pode afirmar também em relação às leituras/apropriações realizadas por Nietzsche, Foucault e outros, no tocante às leituras/apropriações que fazem de autores da filosofia antiga.

⁴² BRISSON, L.; FRONTEROTTA, F. *Platão: leituras*. Preâmbulo. op. cit. , p. 9

⁴³ MAC DOWELL, J. A. Martin Heidegger e o pensamento oriental: confrontos. In NETO, Antonio Florentino; GIACOIA JR, Oswaldo. (orgs.). *Heidegger e o pensamento oriental*. Uberlândia-MG: EDUFU, 2012, p. 125.

Procuramos explicitar neste artigo que as leituras de autores da Antiguidade, como ocorreu em épocas diversas, conforme exemplifica o texto de Goethe, pelos autores contemporâneos, vão se valer dos aspectos que se coadunam com seu próprio pensamento e que este procedimento, respeitadas certas balizas, que procuramos de modo preliminar esboçar, é vital no fazer filosófico, e o mantém sempre instigante e indagador, características estas que obliteram toda a filosofia ocidental.

Finalizando, colacionamos a seguinte frase de Foucault, formulada justamente na fase em que ele muito se valeu da filosofia antiga, que bem ilustra a questão:

“O ‘ensaio’ – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma ‘ascese’, um exercício de si, no pensamento.”⁴⁴

Referências

- BRISSON, L.; FRONTEROTTA, F. (orgs.). *Platão: leituras*. São Paulo: Loyola, 2011.
- CASERTANO, G. *Paradigmas da verdade em Platão*. São Paulo: Loyola, 2010.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Vol. 2 (O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- LAFRANCE, Y. O conhecimento: ciência e opinião. In BRISSON, L.; FRONTEROTTA, F. (orgs.). *Platão: leituras*. São Paulo: Loyola, 2011.
- GADAMER, H-G. *A ideia de Bem entre Platão e Aristóteles*. São Paulo: M. Fontes, 2009.
- GRODIN, J. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola, 2012.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2015.
- _____, *Ontologia* (Hermenêutica da facticidade). Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.
- HELLER, A. *A filosofia radical*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LAWN, C. *Compreender Gadamer*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.
- MAC DOWELL, J. A. Martin Heidegger e o pensamento oriental: confrontos. In NETO, A. F.; GIACOIA JR, O. *Heidegger e o pensamento oriental*. Uberlândia-MG: EDUFU, 2012.

⁴⁴ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade* 2. (O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984. P. 13

- MUNIZ, F. Performance e élenkhos no Íon de Platão. Ver. *Archai* n. 9, jul-dez. pp. 17-25, 2012
- NETO, A. F. Recepção e diálogo – Heidegger e a filosofia japonesa contemporânea. Ver. *Natureza Humana* – v. 1. São Paulo: jun/2008.
- OLIVEIRA, C. Introdução. PLATÃO. *Íon*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- PEREIRA, M. B. Platão e a hermenêutica filosófica. *Humanitas*. Vol. XL VII, pp. 357-383, 1995.
- PORTOCARRERO, M.L. *Conceitos fundamentais de hermenêutica filosófica*. Disponível em www.uc.pt/fluc/lift/conceitos_herm, acesso em 04/10/2018
- PLATÃO. *Íon*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- PUCHEU, A. Posfácio. PLATÃO. *Íon*. Belo horizonte: Autêntica, 2011.